

# COQUEIROS

- *Uma Luzinha entre Coqueiros*
- *Goteiras*
- *Travesseiro*
- *Três Desejos*
- *Nada a Acontecer*

# PREFÁCIO

Raimundo Mauro Barbosa de Oliveira<sup>1</sup>

*Na confluência da Monsenhor Bruno  
Passa a Antônio Sales  
Na sofrência deste Tribuno  
Mora a Antônio Mauro  
O número não é mais que relativo  
Moras no meu coração cativo  
Setecentos e SINTO<sup>2</sup>.  
(Ramauro)*

**RETRATOS** ... matizes multicores, tons sobre tons em óleos sobre telas,

de uma realidade as vezes cinzenta !

**FILMES** ... tomadas em technicolor, hollywoodianos estúdios de consciências ou suas ausências !

**TÓPICOS** ... Internet conectada em nossas redes neurais, locais, surreais!

**FAMÍLIA** ... retratos, filmes, tópicos! A vida *reloaded* em emoções, tristezas, alegrias nossas; eternamente nossas!

**MUNDO** ... família, vasto mundo, Drummond; se eu me chamasse Antonio, mais vasto meu coração!

**ANTONIO** ... cineasta do mundo família, câmera super emoção, retratam filmes e tópicos no coração mega pixel!

---

<sup>1</sup> Raimundo Mauro é odontólogo, tendo freqüentado cursos de filosofia onde se assumiu "Borgiano" militante. Drummoniano nas horas vagas, Raimundo Mauro é meu devaneio predileto.

<sup>2</sup> Monsenhor Bruno e Antonio Sales são ruas que se cruzam no apartamento 705, onde Raimundo e eu moramos juntos, momento singular em nossas vidas.



## UMA LUZINHA ENTRE COQUEIROS



Chiquim, Fernando, Antônio, Zé Mauro, Maria Ângela, Raimundo Mauro e Maria Francisca.

*Esta conversa tem pra lá de 40 anos.  
Passávamos nossas férias na fazenda do tio Manezim, numa casa de alpendre  
típica do sertão cearense, lá pras bandas da Lagoa dos Porcos, Jaguaruana,  
arredores de Aracati.*

*Os tempos difíceis dos anos 60  
não permitiam a papai acompanhar nossas férias, como bem gostaria.  
Sertanejo forte, antes de tudo,  
ele não tinha hora certa para chegar na sua rural.*

*Ficávamos toda noite no alpendre do tio Manezin  
aguardando sua chegada, uma luzinha que se aproximava ...  
e se perdia entre coqueiros!*

Ai! Me *alembro* tanto seu menino,  
 que dá uma dor danada de dor:  
 a *negrada* no alpendre da Casa de Farinha,  
 esperando uma luzinha entre coqueiros!

E ele que não chegava na sua rural...  
 a *mundiça* não podia ver uma luz,  
 qualquer luzinha entre coqueiros...  
 a *canaia* gritava logo: “lá *rem* ele”!

Era uma correria desenfreada alpendre abaixo.  
 Ah! Como a gente adorava a enganação.  
 Mais uma luzinha que vinha...e se perdia,  
 e com ela a esperança dele chegar cedo.

Lembro tio Manezin, touca na cabeça, camisolão,  
 lamparina na mão, alpercata de rabicho, chão batido,  
 (os óio franzido por detrás dos óculos de garrafa)  
 berrava sem convicção, enquanto também espiava  
 mais uma luzinha que aparecia entre coqueiros:  
 “*rão dromir magote*. Ele só chega *menhan de menhan*”!

Ai! Me *alembro* tanto seu menino,  
 que dá uma dor danada de dor.

Entre grilos, cururus, vagalumes...  
 O tempo parou naquele 24 de dezembro:  
 na minha mente só havia uma luzinha,  
 a promessa de presentes, zoadas, galinha assada...  
 que desaparecia entre coqueiros!

Uma luzinha trazendo sobretudo um cheiro,  
 cheiro de suor, suor do peito, da camisa,  
 camisa empoeirada da estrada carroçal,  
 um cheiro gostoso de bom!  
 O cheiro de papai!

ACORDA NEGRADA!... PAPAI CHEGOOOOOOOOOOOUUUU !!!

---

\* A Maria Francisca e Maria Ângela, irmãs queridas que sempre cuidaram de mim.

## GOTEIRAS

*Lembro dos caminhões de madeira que papai nos dera de presente, acho que comprados em uma de suas viagens a São Paulo, quando ele trazia os DKVs.*

*Ainda sinto o cheiro gostoso do PF (“prato feito”: alface, arroz, farofa e galinha assada) que ele nos trazia ao final da noite, quase de madrugada, comprado no restaurante Caravelle, quando voltava do Cocorote (aeroporto velho de Fortaleza).*

*Mas o que não dá pra esquecer mesmo é quando amanhecíamos em sua grande rede. Adorávamos o chuvisco das goteiras no marrom das telhas ... que nós mesmos “fabricávamos” com nossas baladeiras, na casa do quarteirão do Cine ART..*

Caminhões de madeira  
“Peladas”, bolas de pano  
Passa ano, mais um ano  
Nunca a rede e a goteira.

O marrom era mais verde  
Da goteira até ríamos  
Quando nela amanhecíamos  
No cheiro da sua rede.

Sorte grande vida minha  
Infância cresce, se evade  
Na espera até bem tarde  
Alface, farofa e galinha.

A lembrança vem e vai  
Mil saudades, sem grilos  
Cheia dos sete filhos  
Era a rede de meu pai!



Zé Mauro, Antônio, Chiquim,  
Fernando e Raimundo

---

\* Ao Chiquim e ao Francisco Mauro, queridos irmãos caçulas, das “peladas”, das goteiras!

## TRAVESSEIRO

*Papai, esse tipo abaixo, “nariz empinado”, na verdade não gostava muito de futebol. Seu esporte predileto era mesmo subir nas árvores do Alegrete, nosso sítio na Pacatuba. Acho que era pra ver o sol mais de perto ... e quebrar o braço de vez em quando. Rotina não era com ele!*

*Ele gostava de nos ver de paletó, bem penteados, de participar de nossos planos. Seu Hudson 48, um dos poucos Fords da cidade nos anos 60, levava-nos sempre ao Liceu, onde trabalhava.*

*Velho teimoso está aí: caía, mas não usava bengala! Sua maior teimosia? Trabalhar duro, com seriedade, e, ao cair do sol, no voltar para casa, ser digno de seu travesseiro. Obrigado meu pai!*

Obrigado meu Deus.  
Este sol que me bate  
minhas náuseas abate,  
esfrega planos meus!

Ilumina o caminhar  
de nariz empinado,  
paletó solto, alado,  
sonhos ali, lá acolá!

Quando o sol se cai  
uma energia me guarda,  
um travesseiro me aguarda  
do “tamanho” de meu pai!



---

\* Ao Zé Mauro e ao Raimundo Mauro, irmãos queridos, do velho Hudson, ... da rede, do travesseiro!

## TRÊS DESEJOS

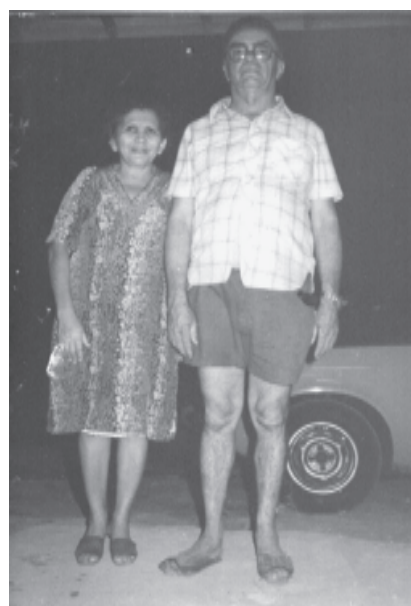
*Dona Gelita, a matriarca, na opinião do meu amigo Valdeci, é uma grande figura! Versão moderna da Cinderela, diz ela que foi conquistada pelo Seu Mauro com uma aliança que NÃO coube no dedo ...*  
 Mais detalhes? Só com ela (85) 32 31 05 72.

Relendo este poema  
 Senti-me um pobre poeta  
 Poeta de rimas pobres  
 Pobre poeta sem rimas!

Pobre poeta agora sou  
 Queria ser astronauta  
 Subir alto bem no alto  
 Ver o muro da china!

Pobre poeta agora sei  
 Queria ser velho pirata  
 Conquistar todas as ilhas  
 Ter o pote do arco-íris!

Pobre poeta agora sim  
 Queria ser três segundos  
 Poetas de rimas ricas  
 Pra te fazer corar, GE-LI-TA!



Dona Angelita e Seu Mauro.

\* À turma do Vô REImundo e dona Chiquinha (inesquecíveis): tia Dilma e tia Raimundinha.



## NADA A ACONTECER

*1997. Fernando, nosso comandante de Mar e Céus, assume o comando do Esquadrão HS-1, helicópteros anti-submarinos, na Base Aérea Naval no condado de São Pedro d'Aldeia.*

*Vovó Chiquinha deve ter rezado muito, para o Nada A Acontecer<sup>2</sup> “naquele dia”, permitindo que ele voasse deixando exemplo em suas “100 milhas da costa, sem trilhas à vista ... com vistas à vida”!*

100 milhas da costa  
Sem trilhas à vista  
De costas ao norte  
Com vistas à vida.

Noite sem lua  
Coração alado  
50 pés abaixo  
Todo o céu acima.

Nada a acontecer  
Que a destreza não conte  
Que a verdade não seja  
Que a fatalidade permita.

Mas o exemplo fica  
A saudade transcende  
A lógica explode  
O amor sorri !



Vovó Chiquinha e Fernando.

\* A Aurânya, Nando e Renata, convés de vôo do Comandante Fernando!

<sup>2</sup> Esta poesia inicia o discurso de assunção de Comando no Esquadrão HS1 da Base Aérea Naval de São Pedro d'Aldeia do Oficial de Marinha Fernando Mauro Barbosa de Oliveira. Ela é, também, uma homenagem póstuma ao Primeiro Sargento Luiz Carneiro do Nascimento e ao Cabo Nilson Costa Pereira Filho, operadores – sonar de aviação.